

Nova leitura da noção de *ideologia* na obra de Slavoj Žižek

New reading of the notion of *ideology* in the work of Slavoj Žižek

Hamilton Cezar Gomes Gondim

Universidade Federal da Paraíba

hamiltonczar@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5216199929365025>

Resumo

Este artigo expõe a nova abordagem de ideologia constituída pelo filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Žižek. Para melhor delineamento da teoria žižekiana, expomos e comparamos de modo breve as leituras mais tradicionais de ideologia de Marx e a noção de materialidade da ideologia em Althusser. Analisamos também em que medida a noção de ideologia žižekiana é dependente da noção psicanalítica de fantasia e, por fim, observamos como esta nova abordagem ideológica influencia nossa compreensão de outras concepções teóricas como a noção de luta de classes.

Palavras-chave

Política; Ideologia; Psicanálise.

Abstract

This article exposes the new approach of ideology constituted by the slovenian philosopher and psychoanalyst Slavoj Žižek. In order to better delineate the žižekian theory, we briefly expose and compare the more traditional readings of Marx's ideology and the notion of materiality of ideology in Althusser. We also analyze the extent to which the notion of žižekian ideology is dependent on the psychoanalytic notion of fantasy and, finally, we observe how this new ideological approach influences our understanding of other theoretical conceptions such as the notion of class struggle.

Keywords

Politics; Ideology; Psychoanalysis.

1. Introdução

O filósofo esloveno Slavoj Žižek propõe um resgate e renovação da noção de ideologia. Tal proposta advém de uma reavaliação decorrente do novo contexto econômico, político e das mudanças nas relações capitalistas no final do século XX. Além disto, a renovação da noção de ideologia no pensamento de Žižek é consequência do entrecruzamento de suas três maiores influências teóricas: a filosofia hegeliana, o marxismo e a psicanálise lacaniana. Enquanto o conteúdo investigativo da ideologia se refere inicialmente a uma temática marxista, Žižek prossegue com inserções da psicanálise para uma nova reflexão sobre o tema, além de estruturar as diversas modalidades/etapas da ideologia na história a partir do empréstimo de categorias da dialética hegeliana. Žižek classifica, assim, três formas de ideologia: “em-si”, “para-si” e “em-si-e-para-si”.

A ideologia “em-si” aparece como discurso doutrinário ou crenças que obliteram uma verdade da sociedade. Já a ideologia como “para-si” se remete a exteriorização ligada a manifestação material e concreta expressa em instituições, rituais e práticas de uma sociedade que incutem e perpetuam a ideologia. Por último, a ideologia como “em-si-e-para-si” ou também chamada de ideologia refletida em si mesma, aparece por meio da interpretação do esvaziamento da tradicional cisão entre ideologia e uma verdade oculta do campo social.

Como observaremos, a ideologia refletida em si mesma žžekiana se define como uma fantasia que condiciona o nosso modo de ver e agir no mundo e permeia todos os campos da vida, sem entretanto haver uma realidade não revelada a ser descoberta. Tal novo modelo teórico de ideologia não apela para as necessidades anteriores de um elaborado discurso doutrinário (ideologia em-si), ou de sua exteriorização em instituições e práticas específicas (ideologia para-si) que escondem e mantêm uma real estado de situação. A ideologia como “em-si-e-para-si”, entretanto, ainda apresentará um caráter sintético e enriquecido das outras formas de ideologia na medida que é permeado por um discurso inconsciente que estrutura nossa percepção de mundo e tem um caráter de exteriorização no nosso modo de agir. Exporemos em nosso artigo essas formas diversas de ideologia numa reconstituição lógico-narrativa com os principais contribuintes para o desenvolvimento da noção em questão. Analisaremos, por fim, como uma nova visão de ideologia possibilita releituras de teorias tradicionais como a concepção de luta de classes e abre espaço para uma investigação do campo social por meio da noção de não-totalidade.

2. Noção tradicional de ideologia ou ideologia “em-si”

Para entendermos algumas consequências e possibilidades críticas na filosofia política žžekiana temos que responder uma questão primária: o que é ideologia? Na obra *A Ideologia Alemã* (1845) Marx desenvolve a noção mais difundida e ao qual Žžek identifica como a ideologia “em-si”. O surgimento de discursos ideológicos são associados com a criação da divisão do trabalho, especificamente com o desenvolvimento da distinção entre trabalho material e trabalho espiritual pela classe dominante.

Marx acredita que, para que uma classe seja dominante, é preciso dispôr não só dos meios materiais de produção, mas também necessita dispor de uma produção de trabalho espiritual. Mas o que é trabalho/produto espiritual? E por qual motivo uma classe dominante precisa deste tipo de produção?

O trabalho espiritual se refere aos que, no interior da classe dominante, pensam os conceitos de sua classe. Estes “trabalhadores espirituais” (sacerdotes, intelectuais, escritores etc.) formariam as ilusões sobre a própria classe que pertencem e para as demais classes subordinadas. Os conceitos e ideias deste tipo de trabalho “terão uma forma tanto mais geral e abrangente quanto mais a classe dominante precisar apresentar seus interesses como os interesses de todos os membros da sociedade” (Marx, 2007, p. 48).

Já uma outra parcela constituinte da classe dominante, isto é, o capitalista ou patrão envolvido diretamente no processo de supervisão dos meios de produção que detém, não se ocupa com a criação das ideias e do trabalho espiritual. Tal parcela dos capitalistas são “membros ativos dessa classe e têm menos tempo para formar ilusões e ideias sobre si próprios” (Marx, 2007, p. 47). Assim, na classe dominante haveria uma divisão interna entre os que se ocupam em criar os discursos e teorias para legitimar o modo de produção capitalista e aqueles outros, também integrantes da classe dominante, mas que estão envolvidos com a efetivação de exploração de outros homens por meio da divisão social do trabalho.

Marx acredita em algum grau possível de oposição no interior da classe dominante, ou seja, entre a parcela desta classe que se ocupa do trabalho espiritual/teórico e a que atua efetivamente no processo de exploração/dominação. Mas, tal oposição se desfaria cada vez que a classe dominante como um todo se encontrasse em perigo quanto a sua posição privilegiada. Tais eventuais situações de ameaça do *status quo* seriam mais uma evidência aos explorados que as ideias dominantes da sociedade poderiam ser virtualmente díspares das ideias da classe dominante, ou ainda, que estas ideias podem ser contrárias à classe dominante.

Marx parte de uma relação geral entre as ideias das classes dominantes e as ideias dominantes das sociedades, por isso, quem detém o meios de produção material detém, de modo mais ou menos homogêneo, as noções espirituais dominantes num determinado contexto histórico. Mas como os indivíduos se inserem nesta relação entre meios de produção e ideias dominantes? Marx assume que os homens são produtores de suas ideias e representações, mas os homens “são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas” (Marx, 2007, p. 94).

Nesse caso, como os indivíduos se representam acerca de suas relações sociais ou mesmo o que especulam acerca da sua natureza, é decorrente da expressão de uma representação (verdadeira ou falsa) de como ocorrem realmente as relações e atividades de produção, intercâmbio, organização política e social: “Se a expressão consciente das relações efetivas desses indivíduos é ilusória, se em suas representações põe sua realidade de cabeça para baixo, isto é consequência de seu modo limitado de atividade material e das suas relações sociais limitadas que daí derivam” (Marx, 2007, p. 93).

Assim, Marx compara a noção de ideologia a uma retina ou câmara escura onde há a inversão da realidade social:

A consciência [*Bewusstsein*] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [*bewusste sein*], e o ser dos homens é o seu processo de vida real. Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico (Marx, 2007, p. 94).

Em tal noção de ideologia na obra de Marx explicita um caráter de ilusão, uma inversão ou mesmo um ocultamento das relações efetivas constituídas historicamente. Nesse sentido, a função imediata de uma crítica da ideologia alinhado ao marxismo seria mais ou menos evidente: revelar que determinados discursos são comprometidos com a manutenção de uma classe dominante e ocultam a luta de classes. Mas a noção de ideologia criada por Marx no século XIX é ainda válida?

3. Ideologia “para-si”

Já o segundo eixo maior de desenvolvimento da noção de ideologia, segundo Žižek, se pauta na “materialidade da ideologia”, ao qual o discurso ideológico explícito na ideologia “em-si” necessita de uma série de suportes exteriores para sua eficácia e reprodução. Louis Althusser é um dos principais expoentes e investigadores de tal compreensão.

Althusser defende que a ideologia ultrapassa o mero campo das ideias e representações, na medida que há também um campo de reprodução material para o assujeitamento ideológico do indivíduo ao modo de produção capitalista. Tal reprodução e exteriorização material transpõe na série de instituições e práticas sociais que reafirmam e perpetuam o capitalismo, a despeito de suas contradições. Um dos exemplos clássicos de ideologia exteriorizada/materializada e que auxilia nesse processo de reprodução é a escola. Concomitante ao aprendizado de técnicas e saberes para a inserção na sociedade, o aluno por meio da escola aprende e reproduz a sua posição socioeconômica e os pressupostos delineados por uma classe dominante acerca do seu lugar no mundo. A ideologia se encontra inscrita e reproduzida por meio desta instituição e nos seus procedimentos regulares, ainda que aqueles que participam da escola não estejam necessariamente cientes desta característica e de tal penetração ideológica:

Por outras palavras, a Escola (mas também outras instituições de Estado como a Igreja ou outros aparelhos como o Exército) ensinam “saberes práticos” mas em moldes que

asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da “prática” desta. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, não falando dos “profissionais da ideologia” (Marx) devem estar de uma maneira ou de outra “penetrados” desta ideologia, para desempenharem “conscientiosamente” a sua tarefa – quer de explorados (os proletários), quer de exploradores (os capitalistas), quer de auxiliares da exploração (os quadros), quer de papas da ideologia dominante (os seus “funcionários”) etc. (Althusser, 1980, p. 22).

Althusser enfatiza a inserção da ideologia materializada e externalizada em instituições especializadas como igreja, sindicatos, escolas e seus respectivos ritos e práticas sociais. Para melhor distinção, Althusser cria duas conceituações, embora flexíveis, entre Aparelhos Repressivos de Estado e Aparelhos Ideológicos de Estado. Os Aparelhos Repressivos de Estado apresentam geralmente um caráter relacionado com o domínio da esfera pública. Órgãos como exército e polícia, que se utilizam de coerção física, são os exemplos mais evidentes dos aparelhos repressivos. Já os Aparelhos Ideológicos de Estado se apresentam numa pluralidade sem um corpo evidentemente único ou visível, expresso também em uma esfera privada, como Igrejas, partidos, escolas, famílias, jornais etc. Os Aparelhos Ideológicos de Estado são por excelência a ideologia exteriorizada ou materializada, ou ainda o que Žižek denominou de ideologia “para-si”. Althusser, na análise desta forma de ideologia com a noção de Aparelho Ideológico, avalia que a participação do indivíduo nesses ritos e protocolos habilitam um espaço para reprodução indefinida das relações de produção/exploração capitalista:

Quando Althusser repete, seguindo Pascal, “Aja como se acreditasse, reze, ajoelhe-se, e você acreditará, a fé chegará por si”, ele delineia um complexo mecanismo reflexo de fundação “autopoietica” retroativa que excede em muito a afirmação reducionista da dependência da crença interna em relação ao comportamento externo. Ou seja, a lógica implícita dessa argumentação é: ajoelhe-se e você acreditará que se ajoelhou por causa de sua fé – isto é, o fato de você seguir o ritual é uma expressão/efeito de sua crença íntima; ao ser executado, o ritual “externo” gera sua própria base ideológica (Žižek, 1996, p. 18).

Uma exteriorização em práticas e instituições sociais seria relevante enquanto mecanismo de interiorização da ideologia pelo indivíduo. Ao participar deste processo, ainda que de modo irrefletido ou involuntário, faz-se com que o indivíduo se encontre imerso num campo ideológico e num processo de adesão a ideologia. Entretanto, o modelo althusseriano ainda é demarcado por uma linha epistemológica entre ideias consideradas verdadeiras e falsas, tal qual a conceituação de Marx. O campo das ideias falsas ou ilusórias estariam no domínio ideológico ainda que corporificadas em aparelhos. Já o campo da verdade oculta estaria na compreensão marxista da história enquanto história de luta de classes e mudanças no modo de produção. Žižek considera que é necessário descartar essa dicotomia para compreensão efetiva da ideologia em nosso tempo.

4. Ideologia refletida em si mesma , “em-si-e-para-si” ou fantasia ideológica

Žižek propõe a insuficiência das noções de ideologia de Marx, mesmo que esta seja “complementada” pela leitura de Althusser acerca dos Aparelhos Ideológicos de Estado, frente ao capitalismo tardio de nossa época. Um dos autores que também apontariam a insuficiência da crítica à ideologia é o alemão Peter Sloterdijk em sua obra intitulada *Crítica da Razão Cínica* (Sloterdijk, 2012). Nesta obra, Sloterdijk defende que a crítica à ideologia se torna cada vez mais ineficaz nos moldes marxistas devido a nossa sociedade se tornar cada vez mais cínica. E o que significa cinismo nesse contexto? Cinismo, grosso modo, é a ideia de que, apesar de estarmos cientes de que há um falso discurso universal ideológico, ainda assim não nos desvencilhamos deste discurso e continuamos a utilizá-lo. O cínico está ciente de que há um interesse particular

na ideologia predominante, mas isso não implica que este modifique ou renuncie a tal discurso ideológico. O cínico se mantém nesta discordância entre a teoria e a prática: sabe que há um interesse particular, mas, ainda assim, a sustenta:

O cinismo é justamente a resposta da cultura vigente à subversão cínica: reconhecemos o interesse particular por trás da máscara ideológica, mas, mesmo assim, conservamos a máscara. O cinismo não é uma postura de imoralidade direta, mas, antes, a própria moral colocada a serviço da imoralidade: a “sabedoria” cínica consiste em apreender a proibidade como a mais rematada forma da desonestidade, a moral como a forma suprema da devassidão e a verdade como a forma mais eficaz da mentira. Assim, o cinismo realiza uma espécie de “negação da negação” perversa; por exemplo, diante do enriquecimento ilícito, do roubo, do assalto, a reação cínica consiste em afirmar que o enriquecimento legítimo é um assalto muito mais eficaz do que o assalto criminoso e, ainda por cima, protegido pela lei [...] (Žižek, 1992, p. 60).

Surge uma conduta onde os indivíduos não agem diretamente conforme suas crenças ou convicções. Se esta postura cínica for verdadeira em nossos tempos, a noção de ideologia de Marx perde seu vigor de orientação crítica, pois não se trata mais de esclarecer uma “ilusão” criada que auxiliaria na exploração de certas camadas da sociedade. Nesse sentido, a própria noção de ideologia desaparece gradativamente, pois não há mais uma eficácia do discurso para manutenção de uma situação de exploração: tanto os que criam a ideologia quanto àqueles que a ideologia foi imposta *sabem* que ela é um falso discurso em alguma instância. Poderíamos afirmar que estamos numa era que caminha para além da ideologia, ou seja, um período pós-ideológico?

Žižek propõe que quem tenta descartar a noção de ideologia precisa ficar atento a uma questão: “onde se encontra [...] o lugar da ilusão ideológica, no ‘saber’, ou no ‘fazer’, na própria ‘realidade’?” (Žižek, 1992, p. 61). Isto é, o fato de o sujeito estar cômico ou não de um discurso ideológico é a medida do sucesso/fracasso da ideologia? Ou a ideologia tem sucesso quando a exercemos na prática? Žižek se utiliza da noção de fetichismo da mercadoria em Marx como a ilustração para uma nova forma de ideologia contemporânea¹ onde a ênfase não está mais no caráter ilusório e de sabermos ou não que aquele discurso faz parte de uma ideologia dominante. A ênfase de Žižek está que essa nova forma de ideologia está antes efetivada na prática cotidiana de nossas relações sociais, a despeito do grau de “consciência” que temos dela. Vejamos a noção de fetichismo da mercadoria de Marx no volume I de *O Capital*, para adentrarmos na perspectiva žižekiana:

[...] Já a forma-mercadoria e a relação de valor dos produtos de trabalho em que ela se representa não tem, ao contrário, absolutamente nada a ver com sua natureza física e com as relações materiais [*dinglichen*] que dela resultam. É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Desse modo, para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo religioso. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação uma com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias (Marx, 2013, p. 48).

¹ Žižek reconhece que Marx não utilizou em nenhum momento a noção fetichismo de mercadoria como uma forma de ideologia.

O contexto ao qual Marx introduz essa noção de fetichismo da mercadoria está vinculado à discussão de como o produto do trabalho assume o caráter de forma-mercadoria. Para Marx “as mercadorias possuem objetividade e valor apenas na medida em que são expressões da mesma unidade social, do trabalho humano, pois sua objetividade de valor é puramente social e, por isso, é evidente que ela só pode se manifestar numa relação social entre mercadorias” (Marx, 2013, p. 125). Marx segue a ideia de que as mercadorias, a despeito da sua forma física e dos seus usos, acabam por ganhar uma forma de valor em comum com o decorrer desenvolvimento histórico: a forma-dinheiro. Um dos desafios do primeiro volume de *O Capital* é justamente investigar o surgimento e o “enigma” da forma-dinheiro, que é capaz de exprimir o valor comum na relação de valores entre as mercadorias.

Contudo, o interesse de Žižek no fetichismo da mercadoria é esse caráter “fantasmagórico” citado por Marx, em que relações sociais constituídas pelos homens assumem a forma de relações entre coisas. Os homens, na prática, agem como se a mercadoria fosse autônoma ou tivesse um valor definitivo, a despeito da constituição do valor da mercadoria ser feita pelo trabalho humano:

A descoberta científica tardia de que os produtos do trabalho, como valores, são meras expressões materiais do trabalho humano despendido em sua produção fez época na história do desenvolvimento da humanidade, mas de modo algum elimina a aparência objetiva do caráter social do trabalho. O que é válido apenas para essa forma particular de produção, a produção de mercadorias, isto é, o fato de que o caráter especificamente social dos trabalhos privados, independente entre si, consiste em sua igualdade como trabalho humano e assume a forma do caráter do valor dos produtos do trabalho –, continua a parecer, para aqueles que se encontram no interior das relações de produção das mercadorias, como algo definitivo, mesmo depois daquela descoberta, do mesmo modo como a decomposição científica do ar em seus elementos deixou intacta a forma do ar como forma física corpórea (Marx, 2013, p. 149).

Marx observa que os agentes de troca dos produtos na prática só se interessam pela proporção de produtos que se pode trocar em relação ao produto que já se tem. Com o tempo essa ideia de proporção aparenta ser “natural”, conforme o exemplo: como se “1 tonelada de ferro e 2 onças de ouro tivessem o mesmo valor do mesmo modo como 1 libra de ouro e 1 libra de ferro têm o mesmo peso, apesar de suas diferentes propriedades físicas e químicas” (Marx, 2013, p. 150).

Assim como os produtores sabem bem que há “relações humanas” implicadas na produção e troca de mercadorias, no mercado de troca agem como se não houvesse, isto é, tratam como se mercadoria tivesse um valor próprio. O que está em jogo no fetichismo da mercadoria não é o que os produtores sabem, mas o seu modo efetivo ou prático de proceder, quase espontâneo, que condiciona e que opera no momento das trocas de mercadoria. Do mesmo modo, as pessoas cínicas, sabem bem que estão numa situação onde a ideologia oficial tem um interesse particular, mas, ainda assim, na prática, agem como se não estivessem. Estando ciente deste hiato entre saber e prática, Žižek propõe sua tese basilar para os estudos da ideologia e crítica, inaugurando uma noção de fantasia ideológica inspirado na noção de fantasia de Lacan:

A ideologia não é, em sua dimensão fundamental, um construto imaginário que dissimule ou embeleze a realidade social; no funcionamento “sintomal” da ideologia, a ilusão fica do lado do “saber”, enquanto a fantasia ideológica funciona como uma “ilusão”, um “erro” que estrutura a própria “realidade”, que determina nosso “fazer”, nossa atividade (Žižek, 1992, p. 63).

Žižek propõe aqui uma nova divisão distinta entre ideologia sintomal e fantasia ideológica. O funcionamento “sintomal” se refere a leitura de Marx de ideologia em *A Ideologia Alemã*, já citada previamente, em que os problemas do modo de produção capitalista (que apareceriam ao olhos do grande público como uma mera exceção ou flutuações exteriores ao capitalismo) seriam na verdade sintomas visíveis das próprias contradições inerentes do capitalismo. A ideologia sintomal apareceria como uma forma de distorção de uma verdade oculta. A ideologia sintomal é outra denominação da chamada ideologia “em-si”.

Quanto à noção de ideologia como uma fantasia, Žižek indica no exemplo do fetichismo da mercadoria uma “ilusão” que, na prática, é esteio fundamental/necessário para a estruturação e interação da nossa própria realidade social. Na leitura sintomal ou “em-si” a ideologia é desvelada em favor de uma verdade que nos coloca a par do que realmente ocorre na sociedade capitalista. Já na leitura de fantasia ideológica ou ideologia “em-si-e-para-si” observamos uma fantasia necessária compartilhada para o nosso *modus operandi* da realidade social, mas que, ao mesmo tempo, renuncia de um núcleo real privilegiado em que seria possível perceber de modo neutro ou não ideológico a realidade e a atividade social:

O que desconsideram, o que desconhecem, não é a realidade, mas a ilusão que estrutura sua realidade, sua atividade social. Eles sabem muito bem como as coisas realmente são, mas continuam a agir como se não soubessem. A ilusão, portanto, é dupla: consiste em passar por cima da ilusão que estrutura nossa relação real e efetiva com a realidade. E essa ilusão desconsiderada e inconsciente é o que se pode chamar de fantasia ideológica (Žižek, 1996, p. 316).

Para uma compreensão mais adequada de noção ideológica como fantasia é preciso perceber a analogia da noção citada enquanto inspirada pela noção psicanalítica lacaniana de fantasia. A fantasia em psicanálise é uma cena imaginária que tem como uma de suas funções representar e estruturar o desejo do sujeito, além de ser também uma resposta à falta ou o vazio do que é denominado por Lacan de grande Outro. Mas o que é e como funciona esse grande Outro? Žižek nos responde: “[...] a própria ‘postulação’ do grande Outro é um gesto subjetivo, isto é, é uma entidade virtual que só existe por meio do pressuposto do sujeito” (Žižek, 2013 p. 127). A noção de grande Outro não corresponde a algo ou alguém de existência empírica ou material, mas sim a um “ponto” ou referência imaterial que tem como premissa e é formulado pelo próprio sujeito para responder um enigma que seria fundamental à subjetividade: “que quer o outro de mim?” Esta pergunta tem sentido capital numa teoria formativa do sujeito na psicanálise, pois o sujeito questiona-se pelo desejo enigmático do Outro para assim poder estruturar o seu próprio desejo. Desse modo, a fantasia é a tentativa fundamental do sujeito de responder ao que o Outro quer e de como o próprio sujeito estrutura o seu desejo em relação ao Outro. A fantasia fundamentalmente serve para organizar ou formular adequadamente o desejo do sujeito.

Žižek faz um paralelo entre a leitura de fantasia lacaniana e a noção de ideologia. A noção de fantasia ideológica tem função similar ao de fantasia em Lacan, pois, assim como a fantasia lacaniana funciona para estruturar nosso desejo frente ao enigma do desejo do Outro, a fantasia ideológica nos permite estruturar a maneira como percebemos as demandas e atuamos na nossa realidade social. Mas qual a necessidade de uma fantasia (isto é, a fantasia ideológica) estruturar a realidade social? A resposta de Žižek é que essa fantasia vem “completar” a própria incoerência e incompletude que encontramos na vida política/social.²

² Žižek remonta a uma temática comum na filosofia e nas narrativas míticas acerca da dificuldade da instauração inicial da lei e sua respectiva justificativa original, sendo justamente um dos papéis da fantasia preencher essa lacuna: “[...] a fantasia política, cuja a função é justamente preencher essa lacuna, essa falta atestada pela interdição, é então

De maneira mais precisa, poderíamos dizer que a fantasia ideológica vem tapar o buraco aberto pelo abismo, pelo cunho infundado da lei social. Esse buraco é delimitado pela tautologia “a lei é a lei”, fórmula que atesta o caráter ilegal e ilegítimo da instauração do reino da lei, de uma violência fora da lei, real, em que se sustenta o próprio reino da lei (Žižek, 2013, p. 63).

Žižek aponta que o caráter da fantasia tem como cerne encobrir o próprio caráter enigmático/absurdo da lei, da instauração de certas regras e de nossa sociedade. Žižek, mantendo a analogia com Lacan, expõe que a fantasia ideológica é sempre já atuante e que estamos previamente imersos na ideologia quando agimos na realidade:

[...] (o que vivenciamos como) realidade não é a “própria coisa”, é sempre já simbolizado, constituído e estruturado por mecanismos simbólicos — e o problema reside no fato de que a simbolização, em última instância, sempre fracassa, jamais consegue “abarcara” inteiramente o real, sempre implica uma dívida simbólica não quitada, não redimida (Žižek, 1996, p. 26).

Assim, noção de fantasia como ideologia apresenta uma ambiguidade necessária explicitado pelo fracasso da simbolização. Esta ambiguidade é uma dualidade apresentada por meio dos conceitos de *ficção simbólica* e *aparição espectral*, que seriam os dois lados opostos e complementares que constituem a própria fantasia. Por um lado, a fantasia como ficção simbólica funciona para estabilizar, estruturar e organizar de modo não conflitante nosso modo de viver/perceber a realidade, isto é, uma realidade social como possivelmente harmônica e sem falhas; por outro lado a fantasia como aparição espectral tem um caráter desestabilizador que impediria a plena organização e estruturação simbólica da realidade. Apesar da ficção simbólica e a aparição espectral parecerem incompatíveis em suas “funções”, a aparição espectral suplementa a ficção simbólica ao funcionar como o elemento negativo ou estranho que legitimaria o fracasso da ficção simbólica na estabilização e organização completa do todo social.³

Fantasia 1 e fantasia 2, ficção simbólica e aparição espectral, são portanto, dois lados da mesma moeda: na medida em que uma comunidade experimenta sua realidade como regulada ou estruturada pela fantasia, ela precisa negar sua impossibilidade inerente, o antagonismo em seu próprio âmago — e a fantasia 2 dá corpo a essa negação. Em suma, para manter o controle, a fantasia 1 depende da efetividade da fantasia 2 (Žižek, 2013, p. 398).

A ficção simbólica “falharia” ou fracassaria no sentido de estruturar plenamente a realidade social como inequívoca, perfeita e harmônica. Entretanto a ficção simbólica ainda funcionaria se algo justificasse esta falha (um elemento externo que impede a harmonização, por exemplo), sem entretanto revelar qualquer impossibilidade ou antagonismo próprio ao processo de estruturar toda a realidade, sendo este o papel da aparição espectral. Embora a

empregada por meio de um “relato das origens”, por exemplo, o relato mítico do poder instituidor do Poder das Leis” (Žižek, 1992, p. 64).

³ Um exemplo recorrente na obra de Žižek, para ilustrar esse ponto, é a figura do estrangeiro e a xenofobia. A pátria, para um cidadão nativo, pode ser vista como um lugar onde se pode reinar o bem-estar social, boas políticas públicas e igualdade (o lugar harmonioso e perfeito que, nesse caso, representaria a ficção simbólica). Mas o mesmo cidadão se vê perplexo com a contradição entre suas ideias, acerca do país e as manchetes que mostram o aumento do desemprego, violência, etc. Para que se mantenha coesa a ficção simbólica de uma sociedade harmoniosa, seria preciso encontrar um elemento estranho/externo a essa sociedade (a aparição espectral), como os imigrantes, que seriam responsabilizados pelas mazelas sociais e que, ao mesmo tempo, evitariam a exposição de alguma contradição interna acerca da suposta sociedade utópica e harmoniosa (ficção simbólica) imaginada pelo cidadão.

aparição espectral apareça em primeiro momento como o elemento desestabilizante que perturba o funcionamento efetivo da ficção simbólica, é a própria aparição espectral que evita uma radical desestabilização ao encobrir a impossibilidade de estruturar a realidade totalmente.

A tese de Žižek é que, para que vivenciemos a realidade social, sempre nós é já “encoberto” pela aparição espectral um elemento enigmático, um “X irrepresentável” que funda a realidade social como fantasia. Tal lacuna ao mesmo tempo que impede a fantasia ideológica de estruturar plenamente a realidade, também propicia a insurgência da própria fantasia:

Portanto, o “cerne” pré-ideológico da ideologia consiste na aparição espectral que preenche o buraco do real. É isso que todas as tentativas de traçar uma clara linha separatória entre a “verdadeira” realidade e a ilusão (ou de fundamentar a ilusão na realidade) deixam de levar em conta: para que emergja (o que vivenciamos como) a “realidade”, algo tem que ser foracuído dela – em outras palavras, a “realidade”, tal como a verdade, nunca é, por definição, “toda”. O que o espectro oculta não é a realidade, mas seu “recalcamento primário”, o X irrepresentável em cujo “recalcamento” fundamenta-se a própria realidade (Žižek, 1996, p. 26).

Um exemplo do que Žižek considera dessa realidade não-toda, do que é “foracuído” (ou previamente excluído) pode ser ilustrado com a noção de luta de classes. A luta de classe é justamente um nome dado ao antagonismo que é, mutuamente, o X irrepresentável ou o impedimento da visão total da realidade social, mas que nos permite estruturar essa mesma realidade. Na tradição marxista a noção de lutas de classe aparece como um ponto fundamental para o entendimento geral das relações sociais no modo de produção capitalista, mas o que Žižek enfatiza é que não há a implicação de que a luta de classes nos permite compreender a dinâmica da sociedade como um *todo racional*. Na verdade, é a noção de luta de classe que nos evidencia a falta ou a incompletude da sociedade capitalista em se apresentar como plenamente harmoniosa, racional, completa e equilibrada. É preciso lembrar que é o próprio antagonismo *indicado* na luta de classes que torna possível a manutenção/continuidade da sociedade pautada no modo de produção capitalista. A luta de classes não pode ser identificada positivamente em algum lugar específico na sociedade ou mesmo arrogar o papel de explicação racional e *completa* da totalidade dos fenômenos sociais, se a luta de classes é justamente uma referência a *incompletude* ou *antagonismo* constitutivo de uma dada sociedade. Assim, a luta de classes funciona como a falta ou dificuldade que nos permite articular simbolicamente e entender as contradições dentro de um todo não conciliado, sem contudo podermos identificar a luta de classes pontualmente na realidade:

Embora a “luta de classes” não esteja diretamente dada em parte alguma como uma entidade positiva, mesmo assim ela funciona, em sua própria ausência, como o ponto de referência que nos permite situar qualquer fenômeno social. [...] Em outras palavras, a luta de classes é “real” no sentido lacaniano estrito: uma “dificuldade”, um empecilho que origina simbolizações sempre renovadas, mediante as quais nos esforçamos por integrá-lo e domesticá-lo [...], mas que, ao mesmo tempo, condena esses esforços a um derradeiro fracasso. A luta de classes não é nada mais do que o nome do limite imperscrutável que é impossível de objetivar, situado dentro da totalidade social, já que ela mesma é o limite que nos impede de conceber a sociedade como uma totalidade fechada. Ou, para dizer de outra maneira, “luta de classes” designa o ponto em relação ao qual “não existe metalinguagem”: na medida em que toda posição dentro do todo social é sobredeterminada, em última instância, pela luta de classes, não está excluído da dinâmica desta última nenhum lugar neutro de onde seja possível localizá-la dentro da totalidade social (Žižek, 1996, p. 27).

Observamos nesse panorama que Žižek constrói uma teorização que sugere a atividade política marcada sobre uma noção de ideologia e de realidade social não-toda. Estas inovações

têm reverberações na reinterpretação da noção de luta de classes enquanto exemplo de incompletude/antagonismo contido no interior de uma teoria que assume a não totalidade. Além disso, tal rearticulação da noção de ideologia gera um novo ímpeto para repensar modelos que outrora eram marcados por uma dicotomia problemática entre real/verdadeiro/científico em oposição ao ilusório/falso/ideológico.

5. Considerações finais

Apresentamos neste artigo uma pequena exposição acerca das principais noções de ideologia pela reconstituição žižekiana de ideologia “em-si”, “para-si” e “em-si-e-para-si”. Analisamos desde a sua forma mais tradicional, oriunda de Marx, até a nova interpretação žižekiana com os recursos da psicanálise para uma concepção de fantasia ideológica. Žižek critica a visão tradicional de ideologia como um conjunto de discursos e práticas que ocultam uma realidade ou verdade. Além disto, a explicação da ideologia no modo tradicional é ineficiente para explicar o atual estado de situação social, ao qual as pessoas *sabem* que estão envolvidas em discursos ideológicos, mas ainda assim não modificam sua sociedade, se mantendo numa potencial postura cínica.

Žižek repensa uma noção distinta de ideologia como uma fantasia inconsciente que é o nosso esteio fundamental de compreensão e modo de agir da sociedade. A fantasia como ideologia em Žižek aparentemente “falha” na completa estruturação e compreensão da realidade social, mas não devido ao fato da fantasia ideológica ser falsa ou existir um modo de compreensão social verdadeiro. Pelo contrário, estamos sempre imersos na ideologia, na medida que ela é nosso modo básico de estruturar e agir no campo social. Mas, nosso esforço de simbolizar e estruturar perfeitamente uma realidade social numa fantasia nunca é completamente bem-sucedido. Tal fracasso ocorre devido a um elemento ou obstáculo não representável nas nossas simbolizações e que estruturam nossa visão social: o próprio gesto inicial injustificável da instauração da sociedade com suas regras, normas e leis. Esta fracasso da capacidade de simbolização na fantasia ideológica, entretanto, não torna menos operacional ou funcional a ideologia. A própria fantasia surge da tentativa de encobrimento do caráter irracional da lei e da normatização social.

Observado esta nova noção de fantasia ideológica que estrutura nossa maneira de compreender a realidade sobre a impossibilidade de total sistematização, passamos a uma breve releitura da visão marxista de luta de classes. Žižek avalia que a conceituação da luta de classes pode fundar uma teorização efetiva acerca do campo político e social sem, entretanto, tentar uma sistematização completa dos eventos da sociedade.

Podemos analisar após este percurso que, se em Marx a ideologia tem uma função moderada para a compreensão dos eventos políticos e sociais, em Žižek a noção de ideologia ou fantasia ideológica tem uma base estruturante ampla para a compreensão da realidade social. Uma das consequências inesperadas é que a nova noção de ideologia surge indiretamente já como uma rival e crítica aos modelos de investigação que tentam compor uma visão completa ou harmônica da realidade social, inscrevendo a própria incompletude no cerne da noção de fantasia ideológica.

Por fim, podemos apenas indiciar o potencial que tal noção de fantasia ideológica tem como instrumento específico para a filosofia política e as ciências humanas. Temas antes tradicionalmente explorados pelas noções de ideologia podem ser revisados sob a luz desta nova compreensão.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- SLOTERDIJK, P. *Crítica da razão cínica*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- ŽIŽEK, S. *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- ŽIŽEK, S. et al. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- ŽIŽEK, S. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.